

## ESPECIALIZAÇÃO

### Faculdade de Odontologia

- Dentística Restauradora
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 24/04/86
  - Prótese Dentária
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 16/06/88
  - Cirurgia e Traumatologia Bucocomaxilofacial
  - ★ Aprovado pelo CFE – Parecer nº 123/86 de 21/02/86
  - Odontologia Legal
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
  - Odontopediatria
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 26/10/89
- Informações: FO – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3123

### Faculdade de Serviço Social

- Segurança do Trabalho para Assistentes Sociais
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
- Informações: FSS – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3330

### Instituto de Biociências

- Toxicologia
  - Biologia Celular
  - Zoologia
  - ★ Aprovados pelo COCEP em 21/08/80
- Informações: IBIO – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3148

### Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

- Museologia
  - Antropologia Social
  - ★ Aprovado pelo COCEP em 13/04/89
- Informações: IFCH – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3148

### Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

- Criminologia
  - ★ Aprovado pelo COCEP – Parecer nº 03/90 de 11/01/90
- Informações: PRPPG – Fone: (0512) 39-1511 – Ramal 3289

## A FICÇÃO DA HISTÓRIA: BOCA DO INFERNO POR ANA MIRANDA

Nelson H. Vieira

Brown University – USA

A única responsabilidade que devemos à História é a de reescrevê-la. (The one duty we owe to history is to rewrite it. Oscar Wilde, "The Critic as Artist", 1890).

Ah, quem pudera desfazer o passado, e tornar atrás o tempo e alcançar o impossível, que o que foi não houvera sido. (Ana Miranda, *Boca do inferno*, 1989.)

O grande sucesso editorial brasileiro de 1989 foi um romance sobre um assassinato ocorrido no Brasil colonial de 1683, dentro do qual as grandes figuras históricas e literárias Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira agem contra o regime tirânico e repressivo de Antônio de Souza de Menezes, vigésimo-quinto governador e capitão-general do Brasil. Na sua utilização de documentos, fatos e eventos da história colonial – o resultado de vários anos de pesquisa minuciosa –, a romancista estreante Ana Miranda nos re-apresenta com destreza um momento do passado brasileiro onde freqüentemente é difícil distinguir entre a ficção e a história. Seguindo a linha de ficções escritas por autores contemporâneos como Humberto Eco, John Fowles, E.L. Doctorow, José Saramago, e D. M. Thomas, este livro *Boca do Inferno(1)* parece transformar "o romance histórico num produto de consumo de massa"(p. 6), segundo as palavras da própria autora numa entrevista publicada em *Isto É/Senhor* nos fins de 1989. Mas apesar do ambiente histórico ser autenticamente evocado no decorrer desta narrativa, cujo título é a alcunha provocadora do poeta maldito baiano Gregório de Matos, o romance não coaduna bem com o gênero tradicional conhecido sob a rubrica "romance histórico."

Ao contrário, reconhecemos neste romance uma orientação mais relacionada com a prática "re-visionista" contemporânea e pós-modernista onde a ótica do presente se insere implacavelmente na do passado. Esta técnica redescobre momentos históricos, às vezes marginalizados, que em si despertam outros parecidos com situações con-

temporâneas. Por exemplo, o personagem Gregório de Matos fala das condições na cidade da Bahia e evoca simultaneamente certos problemas comuns ao Brasil moderno:

Não fui eu, um mazombo, quem criou os males da cidade, os maus modos de governar, a mancebia de padres, a ruína que promovem os mercadores com suas mercadorias inúteis e enganosas, os estrangeiros ambiciosos, o modo de furtar e suas mil variedades,... (p. 302)

E noutras alturas do livro:

Não se pode alterar a natureza do governo colonial. Depois de duzentos anos, tudo está estabelecido como uma matemática das iniquidades. O dinheiro, o poder real, o negócio público e seus pecados nojentos, a distribuição farta dos cargos, os cabedais formados em cima do roubo, tudo isso, e mais a depravação natural de cada ser humano, todos eles poços de veneno, tudo isso determina a natureza e o funcionamento da colônia. (p. 199)

No entanto, apesar da prosperidade aparente, a população pobre estava cada vez mais faminta e miserável. Os pobres esperavam todos os dias que alguma coisa viesse do céu mandada por Deus para solucionar seus conflitos e suas privações. Deus haveria de saber o que eles mereciam. (p. 202)

Estes paralelos entre as condições de duas épocas históricas — a colonial e a contemporânea — emergem constantemente ao longo desta narrativa, estimulando no leitor moderno uma forte identificação com o conteúdo sócio-político e colonialista do texto. Ana Miranda na sua entrevista explica como os mergulhos no passado histórico podem despertar percepções sobre o presente:

Por exemplo,... naquele tempo já existia inflação no Brasil e quase todos os vícios que temos hoje em dia no serviço público, como o nepotismo, a prevaricação e o tráfico de cargos. Isso era normal, um direito das elites. O alcaide-mor Francisco Teles de Menezes tinha comprado o título em Lisboa (p. 10-11).

A nosso ver, este romance sobre um incidente na história colonial é na verdade um libelo contra as precárias condições sociais existentes no Brasil dos nossos dias. Com efeito, nesta ficção contemporânea

temos simultaneamente perspectivas sobre duas épocas históricas bem distanciadas uma da outra.

E Walter Benjamin no seu ensaio "Teses sobre a filosofia da História" (escrito em 1940 e publicado em 1950) comenta o seguinte sobre esta ótica dupla da história:

*History is the subject of a structure whose site is not homogeneous, empty time, but time filled by the presence of the now (Jetztzeit). Thus to Robespierre ancient Rome was a past charged with the time of the now which he blasted out of the continuum of history. The French Revolution viewed itself as Rome incarnate (p. 261).*

Na sua defesa do materialismo histórico, Benjamin critica o historicismo conformista que justifica tudo em nome do progresso, como aconteceu na Alemanha Nazista com a interpretação errônea do marxismo para a classe trabalhadora: *It recognizes progress in the mastery of nature, not the retrogression of society;* (p. 259). Contra o conceito da história como uma massa sempre contínua, Benjamin apela para o reconhecimento do momento em que o historiador (ou o ficcionista histórico) revive uma experiência parecida com o passado, i.e., quando ele pára e reconhece um momento (uma mônada, segundo Benjamin) ou um evento ou estrutura elementar que se repete:(2)

*he recognizes the sign of a Messianic cessation of happening, or, put differently, a revolutionary chance in the fight for the oppressed past. He takes cognizance of it in order to blast a specific era out of the homogeneous course of history—blasting a specific life out of an era or a specific work out of the lifework. (p. 263)*

É o que Ana Miranda faz com as figuras de Gregório de Matos e o Padre Antônio Vieira, apesar de não existir evidência histórica dos dois terem sido amigos ou cúmplices políticos. No entanto, como figuras representativas da luta contra opressores da época, exemplificados pela elite déspota do governo colonialista português, no seu abuso de pobres, índios, escravos, e judeus, estes dois protagonistas desempenham um papel duplo, no passado e no presente, devido a sua participação na luta e no conflito entre dominados e dominantes. Como Benjamin acentua no mesmo ensaio:

*The tradition of the oppressed teaches us that the 'state of emergency' in which we live is not the exception but the rule. (p. 257)*

Esta visão de W. Benjamin visa evitar que a História em si seja interpretada como um fenômeno fixo e generalizador, isto é, como uma força natural ou vital moldando a conduta humana de modo determinista. Comentando sobre o presente-no-passado, i.e., o conceito da repetição histórica articulado por W. Benjamin, J. Hillis Miller diz: *It is a now which is the empty repetition of a past which was never a presence, and at the same time it is the prolepsis of the future as a 'something evermore about to be'* (p. 472). Daí, compreende-se porque a reabertura revisionista na ficção se opõe ao romance histórico tradicional, este bem defendido, como se sabe, por Georg Lukács que, para apoiar a sua tese, se refere à filosofia hegeliana da história em que *the 'world-historical individual' arises upon the broad basis of the world of 'maintaining individuals'* (p. 39). Para explicar o "curso" geral da história, Lukács se aproveita da terminologia hegeliana porque:

*it describes society's uninterrupted self-reproduction through the activity of these individuals. The basis is formed by the personal, private, egoistic activity of individual human beings. In and through this activity the socially general asserts itself. (p. 39)*

Este conceito hegeliano da história idealiza e generaliza a figura do "world-historical individual" como portador consciente do progresso ou espírito histórico e desta forma dá direção a uma evolução natural e histórica supostamente já presente na sociedade. Mas na obra de Ana Miranda, não observamos esta postura teleológica porque a sua narrativa reexamina a história colonial brasileira para melhor perceber os problemas atuais da cultura brasileira e também para desafiar certas interpretações históricas registradas como documento oficial. Desta forma *Boca do inferno*, pelo seu próprio processo ficcional, chama atenção à possibilidade de erros mnemônicos da documentação histórica, utilizando a percepção tardia do presente para apontar novas abordagens possíveis perante o passado. Por exemplo, a recriação de um verdadeiro crime político para demonstrar

a existência de uma consciência brasileira, embora não patriota ou nacional, mas pelo menos uma consciência local daquela época muito indignada com os abusos econômicos da Metrópole:

Mas a colônia andava atrelada a Portugal. As moedas e as riquezas não ficavam no Brasil. (...) Os valores das mercadorias, na colônia eram miseráveis. Em Portugal, altíssimos (p. 297-98).

Nota-se também, emergindo nas entrelinhas desta narrativa, a presença marcante da história recente brasileira da ditadura militar — sobretudo os anos do "sufoco". Por exemplo, ao falar sobre o modo de exercer vingança contra os colonos radicais, o alcaide Teles declara ao governador: *Por meios militares se terão melhores frutos* (p. 191). Aqui, a história contemporânea é evocada por outro regime autoritário, nesse caso, a repressão exercida pelo governador colonial da Bahia contra as figuras excêntricas do poeta maldito e do jesuíta famoso nos fins do século XVII. As seguintes citações ilustram esta visão do presente-no-passado, chamando atenção para dois aspectos da história contemporânea — a tortura imposta pelos "aparelhos" militares e a inveterada corrupção jurídica e política:

Esta prisão é ilegal, não há culpa formada. (p.140)

Não é preciso provas para ser preso. Basta que seja suspeito. (p. 157)

Um alvará promulgado pela Corte autorizava o uso da tortura judicial para se conseguir uma confissão, conquanto fosse desaconselhada nos regulamentos. (...)

Neste lugar também os inocentes padecem de violências, disse Bernardo Ravasco, com o pensamento distante. Ouço gritos todas as noites.

Pobre rebanho, tão desamparado e perseguido. Saberá Deus que esta colônia existe? (p. 193)

Estas palavras também fazem lembrar o relato sobre a tortura militar e os depoimentos e interrogatórios transcritos no volume *Brasil: nunca mais* (1985), onde curiosamente um dos capítulos se intitula "Aqui é o inferno" que, por outro lado, poderia se associar ao simbolismo do "inferno" desenvolvido por Ana Miranda, como aparece neste trecho logo no início do romance: *a cidade parecia ser a imagem do Paraíso. Era, no entanto, onde os demônios aliciavam*

*almas para povoarem o Inferno* (p. 12). Ou noutra cena, quando um cúmplice/aliado de Gregório declara: *Não existe inferno depois da vida* (p. 103). O símbolo do "inferno" terreal serve para enfatizar o tema central da obra — a existência constante e, às vezes, horrorosa de situações precárias devida à presença de circunstâncias autoritárias onde a opressão assume diversas formas de perseguição — econômica, política, social, religiosa, ou racial.

As seguintes citações também implicam, por associação, ligações entre o passado e o presente, despertando imagens sobre a corrupção, a atual crise econômica e até os abusos de certos governos mais recentes:

Esta é a terra do onde, com razão, fogem todos quanto podem. Aquele homem, ou meio homem, se entrega este Estado. (p. 188)

O poder das autoridades legais muitas vezes ultrapassam a força da lei. (p. 261)

Perde-se o Brasil nas unhas escorregadias dos governantes. (p. 65)

O tratamento da história na ficção com o seu olhar do presente-passado também segue a linha teórica pós-modernista apresentada por Linda Hutcheon no seu livro *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (1988):

*Postmodern fiction suggests that to re-write or to represent the past in fiction and in history is, in both cases, to open it up to the present, to prevent it from being conclusive...* (p. 110)

Incluída na sua postura pós-modernista sobre narrativas que ficcionalizam a história, Linda Hutcheon também argumenta sobre a distinção entre romance histórico e metaficção historiográfica, o segundo gênero sendo um veículo para questionar a natureza rígida da historiografia. Este questionamento se manifesta pela via duma narrativa intensamente auto-consciente onde é ilustrada a maneira pela qual o passado é narrado e reconstruído, levando em conta a motivação do seu próprio discurso.

É este o modo narrativo selecionado por Ana Miranda que monta uma narração na terceira pessoa mas que não mascara o ponto de

vista do seu narrador onisciente, aliás altamente subjetivo na sua oposição contra dominantes e governantes autoritários. Assim sendo, a narrativa emerge abertamente como uma espécie de "discurso de denúncia(3)", um termo utilizado por João Carlos Teixeira Gomes no seu estudo *Gregório de Matos, O boca de brasa* (1985) para descrever o tom tendencioso nas sátiras de Gregório, algumas reproduzidas ao longo do romance. Esta "denúncia," também adotada pela autora, sublinha o tom contestador e o papel mediador do romance, promulgando um específico sentido ideológico e sócio-cultural de engajamento, em que a propensão brasileira memorialista para culpar o governo colonialista é interpretada como um óbvio preconceito cultural por causa de certas experiências repressivas no passado.

Noutro sentido, a ficção da história elaborada por Ana Miranda pode despertar no leitor contemporâneo cenas de guerrilheiros revolucionários lutando contra sistemas repressivos mas estas imagens só podem ser evocadas porque as situações do passado e do presente se parecem devido à "repetição" do conflito entre dominantes e dominados, uma repetição do conflito de classes sociais que reaparece constantemente durante a história brasileira. Numa defesa do conceito da "repetição" histórica desenvolvido por Giambattista Vico, Edward Said, no seu ensaio "On Repetition," comenta sobre o lado humano e não divino da história:

*Take history as a reported dramatic sequence of dialectical stages, enacted and fabricated by an inconsistent, but persistent humanity. Vico seems to be saying, and you will equally avoid both the despair of seeing history as gratuitous occurrence and the boredom of seeing history as realizing a wholly foreordained blueprint.* (p. 138)

Neste ensaio, Said argumenta que as repetições das ações humanas no decorrer da história se baseiam na persistência das ações dos homens:

*And never mind if epistemologically the status of repetition itself is uncertain: repetition is useful as a way of showing that history and actuality are all about human persistence, and not about divine originality.* (p. 138)

No romance *Boca do inferno*, Ana Miranda utiliza o fenômeno da "repetição" para enfatizar o fato de os problemas sociais serem

resultado do comportamento humano e não efeitos do poder divino. Assim, a autora justapõe os abusos e defeitos humanos à crença avassaladora na providência divina ou nas diversas superstições daquela época (que, aliás, ainda se encontram no Brasil dos nossos dias). Desta forma, o livro critica a crença determinista e supersticiosa, vigente no período colonial, para demonstrar que foi a acção dos homens que contribuiu para as condições da nação brasileira no passado e no presente. Por isso, a narrativa termina com um comentário irônico sobre o efeito de superstições, interpretadas como maus agouros para o futuro da nação, neste caso, vistos como prenúncios recebidos do céu por via de cometas e, naturalmente, escapando ao controle humano:

as do céu não pareciam melhores. Tinham surgido, em maio, dois cometas. Prenúncios... (...) Faltava apenas um sinal na Lua para que se confirmasse o texto *Erunt signa in sole et luna et stellis*.

Assim terminou o governo tirânico do Braço de Prata. (p. 317)

Mas ao longo do livro, o presente emerge devido à "repetição" do conflito político entre classes sociais. O presente se manifesta por causa do poderoso valor evocativo deste conflito onde inconformados sempre estão batalhando contra o *status quo* governamental. Deste modo, o livro ficcionaliza o passado para melhor compreender o presente, não como resultado de uma evolução natural, mas sim como resultado de estruturas e circunstâncias criadas pelos homens que afinal de contas podem ser alteradas, talvez no futuro. Segundo a própria autora na mesma entrevista acima referida: *Mas apesar de todos esses vícios continuarem presentes, enraizados na nossa vida, eu acho que o Brasil de hoje está mudando muito* (p. 11). Esta visão não demonstra um fatalismo abismal ou conclusivo.

Considerando o papel da "nova história", os vários livros de Hayden White, sobretudo o mais conhecido *Metahistory* (1973), sublinham o papel textual da historiografia: *I treat the historical work for what it most manifestly is: a verbal structure in the form of a narrative prose discourse* (p. IX). Ao colocar a escrita histórica na sua forma narrativa, e até certo ponto literária, Hayden White noutro ensaio mais recente observa uma nova ênfase historiográfica virada mais para "significação" em vez de "validação":

*a specifically historical inquiry is born less of the necessity to establish that certain events occurred than of the desire to determine what certain events might mean for a given group, society, or culture's conception of its present tasks and future prospects*(4).

É justamente a posição do romancista norte-americano E.L. Doctorow que numa entrevista de 1983 constatou a ficção e a historiografia como sistemas de *significação* na nossa cultura, i.e., modos *mediating the world for the purpose of introducing meaning* (p. 24).

Ao falarmos do romance pós-moderno e da metaficção historiográfica em relação à ficção de Ana Miranda, também notamos no decorrer da sua narrativa numerosos comentários metaliterários sobre a atitude antagônica e subversiva do poeta Gregório de Matos perante o cânone vigente da época — o gongorismo. As múltiplas afirmações literárias sobre Gôngora servem para demonstrar o motivo e o efeito atrás do uso de discursos diferentes — aqui o modo "profano," exagerado (caricatural) e subversivo do poeta brasileiro contra o modo "consagrado" espanhol/português: *Estou cansado de tentar ser Gôngora Y Argote, disse Gregório de Matos. Minhas composições são mais profanas. Na verdade, temo a Inquisição* (p. 208). E no início do romance o narrador diz: *Gregório de Matos queria, como o poeta espanhol, escrever coisas que não fossem vulgares, alcançar o culteranismo. Saberá ele, Gregório de Matos escrever assim? Sentia dentro de si um abismo* (p. 13). E quase no final da obra, lemos: *Passou a repelir o falar agongorado, os cultos modos, usando o falar estardalador das chularias, sem nenhum freio na língua* (p. 301). Além deste efeito, estas alusões (meta) literárias chamam atenção para o próprio texto do romance com sua linguagem rude, obscena e coloquial, sendo esta linguagem um discurso em si, um modo de interpretação, não necessariamente verídica mas sim atrevida e plena de significação, sobretudo na sua vontade desafiante para criticar governos tirânicos ou para desafiar gêneros rígidos, como o romance e a historiografia, a fim de recuperar a "outra história" que a autora decifrou com a ajuda dos fatos a sua disposição. Esta perspectiva auto-consciente insiste em questionar o modo como um texto/discurso é construído e para quais fins. Por exemplo, em certa altura do romance, numa conversa sobre os seus poemas, Gregório diz: *Servem mais para a boca do povo do que para os olhos diligentes dos eruditos*

(p. 206). Af, é como se o próprio sucesso editorial do romance, o seu grande apelo, pudesse ser explicado, por um lado, pelo efeito de sua linguagem popular, obscena, contestatária, e subversiva, e, por outro, pelo seu poder evocativo de identificação com tempos não tão remotos:

E o que vais falar sobre a colônia?

Que de dois efes se compõe esta cidade, a meu ver: um furtar, outro foder. (p. 111)

Em vez dum tratamento alegórico, tipológico ou figurativo para explicar continuidade entre períodos históricos — por exemplo como no sentido da “figuração histórica” estudada por Eric Auerbach no seu ensaio famoso sobre “figura”(5), *Boca do inferno*, através da sua narrativa reflexiva/metaficcional, sublinha uma série de repetições sócio-políticas sem um programa teleológico. O romance contesta a costumeira visão generalizadora, totalizante, universalista e transcendente da história que freqüentemente sintetiza a sociedade, passando por cima do particular, do local, da diferença e sobretudo do excêntrico. O fato de *Boca do inferno* focalizar-se no drama de dois excêntricos, sendo estes os protagonistas principais, além de outros indivíduos dos *bas-fonds* baianos, é significativo. A própria figura do poeta desempenha o papel de um inconformado obscuro e marginalizado, em conjunto com o padre Vieira durante o seu período de declínio de poder político e também com o judeu Samuel da Fonseca perseguido pelo Santo Ofício, além de um bando de prostitutas e outros tipos marginais. Assim, o romance retoma o passado documentado mas armado com as pistas do presente (documentos ao lado da percepção tardia) para recuperar aspectos da história colonial brasileira colocados de lado, como a atitude machista e violenta contra as mulheres, a presença marcante e ubíqua dos judeus/marranos como gente incessantemente perseguida, a situação de artistas libertinos e marginalizados, a repressão exercida pelos governantes locais, o tratamento vil contra os escravos e os índios, etc.

Esta perspectiva do presente-no-passado leva-nos a considerar o conceito do tempo em que a “repetição” implícita da memória histórica se insinua no decorrer deste romance. É como se a lembrança

em si fosse uma forma de esperança, incentivando a documentação de condições que possivelmente serão melhoradas no futuro. Isto sugere uma espécie de messianismo, não estranha à cultura brasileira, i.e., uma visão messiânica do tempo em que o passado e o presente implicam algo que possa vir.

A tese levantada por Walter Benjamin no seu ensaio sobre a história também aborda o conceito do tempo messiânico no contexto da memória judaica, — de um povo perseguido e oprimido que revivia a experiência do passado por via da lembrança. Em *Boca do inferno* a grande atenção dedicada à situação perigosa dos judeus na colônia serve como drama correlativo ao drama principal, para realçar a opressão também evidenciada repetidamente na experiência brasileira, uma opressão na forma de outros tipos de holocaustos e infernos. Além do mais, sendo o judeu Samuel da Fonseca um dos grandes personagens secundários do romance, não é por acaso a presença da temática judaica. Grande letrado, Fonseca está preocupado em preservar os poemas do poeta maldito, desejando imprimi-los em Amsterdã para ter uma documentação deles. Por isso, acreditamos que a tese de Walter Benjamin tem muita relevância para o nosso estudo. Por exemplo, na sua abordagem sobre o tipo de historiador ciente deste conceito repetitivo do tempo, Benjamin afirma:

*A historian who takes this as his point of departure stops telling the sequence of events like the beads of a rosary. Instead, he grasps the constellation which his own era has formed with a definite earlier one. Thus he establishes a conception of the present as the "time of the now" which is shot through with chips of Messianic time. (p. 263).*

Esta posição também inspira precaução perante qualquer ordem ou regime vigente porque um povo perseguido ou oprimido deve ficar alertado para novas manifestações de opressão ou perseguição. Nesta linha, Benjamin reafirma:

*In every era the attempt must be made anew to wrest tradition away from a conformism that is about to overpower it. The Messiah comes not only as the redeemer, he comes as the subduer of Antichrist. (p. 255)*

Para concluir, em *Boca do inferno* a ficção da história é um modo de dialogar sobre o presente através de um passado onde perse-

guidos e oprimidos, como na tradição judaica, reconhecem o valor documental e ideológico da lembrança, i.e., sabem como a experiência do passado precisa ser revivida, através de uma lembrança que desper-te cuidado e prevenção — uma lembrança alertada para a repetição de perigos e “prenúncios”, mas inspirada na chegada possível de algo melhor.

## NOTAS

1 — Todas as citações são tiradas da primeira edição. O romance já é considerado um best-seller por ter vendido aproximadamente dez mil exemplares antes do fim de 1989 e também pelo fato de serem disputados os direitos de publicação com 14 países.

2 — A ideologia de Benjamin assenta muito no conceito judaico do tempo messiânico e do valor prestado à lembrança. Por isso, a sua filosofia sobre a história reflete o olhar voltado para o passado e daí a sua importância para o presente e o futuro.

3 — No seu estudo crítico *Gregório de Matos, O boca de brasa* (1985) João Carlos Teixeira Gomes fala da ideologia tondeciosa nas sátiras do poeta como expressão de um “nítido sentido de engajamento ideológico” (p. 346). Gomes define a meta das sátiras gregorianas da seguinte maneira: “Os objetivos contra-ideológicos e políticos da sátira gregoriana traduzem-se nesse desejo de ver os homens e suas instituições pelo pior aspecto, para elaborar — conscientemente — um discurso de denúncia” (p. 346).

4 — Hayden White. “Historical Pluralism”, *Critical Inquiry* (1986) 12, 3:487. Aqui White argumenta que, por causa da existência de diversos sistemas de discurso tentando fazer sentido do passado, a historiografia é pluralista porque ela admite diferentes, mas nem por isso menos significativas, construções do passado.

5 — No seu ensaio “Figura” Auerbach discute o lado histórico da sua tese sobre a pré-figuração como o elo entre duas figuras históricas em épocas diferentes. Auerbach faz uma distinção entre figura e alegoria, esta sempre tendo um lado abstrato perante o outro lado mais concreto. Uma das definições oferecidas por Auerbach acentua o aspecto histórico da figura: “figura is something real and historical which announces something else that is also real and historical. The relation between two events is revealed by an accord or similarity” (p. 29).

Apesar do enfoque histórico, esta definição de “figura” todavia reconhece o papel teleológico da providência divina como uma força superior determinando o destino dos homens. Mas no seu ensaio sobre “Twentieth-Century figuralism”, Theodore Ziolkowski demonstra como o emprego do “tipo” ou da tipologia, semelhante ao uso da “figura”, adquiriu, entre escritores modernos, um caráter secular com a substituição da fé, relacionada com o figuralismo original, pelo componente da auto-consciência, muitas vezes manifestado pela presença flagrante da paródia.

## OBRAS CITADAS

- Arns, Dom Paulo Evaristo, pref. *Brasil: nunca mais*, 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Auerbach, Eric. “Figura.” *Scenes from the Drama of European Literature: Six Essays*. New York: Meridian Books, Inc., 1959:11-76.
- Benjamin, Walter. “Theses on the Philosophy of History.” *Illuminations*. Trans. Harry Zohn. Ed. and Intro. Hannah Arendt. New York: Schocken Books, 1969:253-264.
- Gomes, João Carlos Teixeira. *Gregório de Matos, O boca de brasa: Um estudo de plágio e criação intertextual*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- Hutcheon, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York & London: Routledge, 1988.
- Luckács, Georg. *The Historical Novel*. Trans. Hannah & Stanley Mitchell. Preface, Irving Howe. Boston: Beacon Press, 1963.
- Miller, J. Hillis. “Narrative and History.” *ELH* (English Literary History), 41, 3, Fall 1974: 455-473.
- Miranda, Ana. *Boca do inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- Said, Edward. “On Repetition.” *The Literature of Fact: Selected Papers from the English Institute*. Ed. Angus Fletcher. New York: Columbia University Press, 1976:135-158.
- Tojal, Aliamir. “Best-seller à brasileira”. *Isto É/ Senhor*. 20 Dezembro 1989:5-12.
- Trenner, Richard, ed. *E.L. Doctorow: Essays and Conversations*. Princeton, NJ: Ontario Review Press, 1983.
- White, Hayden. “Historical Pluralism.” *Critical Inquiry*. 1986, 12, 3:480-93.
- . *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1973.
- Wilde, Oscar. “The Critic as Artist.” *Literary Criticism of Oscar Wilde*. Ed. Stanley Weintraub. Lincoln: University of Nebraska Press, 1968:197-228.
- Ziolkowski, Theodore. “Some Features of Religious Figuralism in Twentieth-Century Literature”. *Literary Uses of Typology: from the Late Middle Ages to the Present*. Ed. Earl Miner. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1977:345-369.